

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor:

AGOSTINHO FERNANDES ROCHA

Propriedade da Empresa de A VELHA GUARDA

Redactor principal:

JOAQUIM DE ALMEIDA GUIMARÃES

Redacção e Administração: Rua Elias Garcia, 46. Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua Elias Garcia, 45 GUIMARÃES

O NOSSO DEVER

É crítica e grave a situação da Patria, neste momento.

A indiferença a que a votaram, colocou-a diante dum perigo iminente que todos devemos recear.

Ela debate-se das agonias da ansia e do desespero e, se a não detivermos, rápidos, na sua desabrida marcha, afundar-se ha no medonho abismo que os seus inimigos lhe estão cavando, e, consequentemente, a sua ruina e a sua perda será inevitavel.

É necessario que todos nós, como bons portugueses e como bons republicanos, a defendamos das mãos dos miseraveis sicarios que a pretendem aniquilar e a auxiliemos com o nosso sacrificio, com o nosso amor e trabalho para dessa maneira a tornarmos prospera, grande e poderosa como a Patria do seculo XVI.

Os que se sacrificam por uma Patria, merecem o louvor duma raça... Os que se empenham no seu engrandecimento, são dignos dum poema de gloria e de immortalidade...

Se todos nos devotarmos, empenhados, nessa sublime obra, para o seu completo ressurgimento e para uma radical transformação de tudo quanto lhe é desagradavel e perigoso, eu tenho a convicção de que a nossa Patria será sempre livre, e só assim é que chegará ao apogeu da gloria.

« Os designios duma Patria estão nas mãos do seu povo!... » eis a admiravel frase que li, não me recorda presentemente aonde, e que cativou a minha profunda simpatia. E se todos nós pensassemos, definitivamente, acerca deste assunto, é certo que nos envergonhariamos da nossa fraqueza, do nosso desleixo.

A Patria é a nossa mãe comum... Que seríamos sem ella?... Um povo oprimido e subjugado, vergando ao peso dum jugo estranho... Um povo com a desonra e a vergonha estampadas no rosto, com o ferrete do oprobrio e da ignominia a marcar-lhe a fronte.

Seríamos olhados pelos estrangeiros desdenhosamente, sem compaixão e com ódio... Seríamos banidos das glórias do nosso passado.

Ficariamos sem historia, sem bens, sem nome.

Morreria todo o passado... e o futuro seria uma morte ingloria e pavorosa. Cada um dos nossos desejos, dos nossos sonhos e dos nossos pedidos, não achariam eco em nenhum coração, porque um povo sem Patria é como uma criatura errante, sem lar, sem familia, sem nada.

A perda duma nacionalidade é a perda duma sociedade, a ruina dum povo e a vergonha duma raça.

Se a Patria perdesse a sua autonomia, que valor teriam as conquistas de Afonso Henriques, as vitórias de Nun'Alvares, as estancias sublimes de Camões e as descobertas do Gama? Sem ella que merecimento teria o espirito de frei Luis de Souza, o talento de Herculano e o génio romantico de Camilo? Que grandeza teria a gloria do passado, o sangue dos seus mártires, o esforço altruista e generoso dos seus filhos?

Se tal succedesse, cada um dos fantasmas dos seus inumeros heróis, lividos de terror e de espanto e de olhos incendiados pela mais viva das coleras, levantar-se-iam dos tumulos em que jazem esquecidos, para nos virem tomar severas contas das nossas responsabilidades.

Ha, porem, grupos de scelerados, bandidos que, guiados por uma ideia nula e revoltante e por meio da conspiração e da mentira, da propaganda e da calunia, trabalham para o seu aniquilamento. Esses são os que lhe estão preparando a ruina. Ah! mas a Patria não desaparecerá do mapa das nações, como para aí afirmam certas criaturas irracionais, sem criterio e sem patriotismo.

Não é por meio das doutrinas que apregoam que cativam a simpatia do povo, nem por meio da mentira e da calunia que conseguem apavorar-nos. Nunca nos amedrontaram as suas ameaças de imbecis, nunca tivemos receio de os combater.

E se elles tentarem, por qualquer meio, aniquilar a Patria ou derrubar a Republica, sairá dos nossos seios o grito da revolta.

Nós, republicanos que sempre lhe tributamos o nosso desvelado amor e lhe votamos a nossa profunda veneração, teriamos na hora extrema e decisiva braços robustos e vigorosos para a defender, peitos fortes para dar por ella a vida, se tanto fosse preciso. O que é necessario, pois, é que nos esforcemos pelo seu progresso, pela sua rapida prosperidade. Demos-lhe incremento porque é esse o nosso dever mais sagrado, mais nobre e mais santo que todos devemos cumprir e respeitar.

Esse é o dever que mais nobilita, que mais engrandece. Trabalhemos todos pela Republica, porque quem trabalha pela Republica trabalha pelo bem da Patria.

A mulher está, tambem, confiada um dos principais papeis desta grandiosa missão. Para melhor provar esta verdade recorramos ás paginas da historia do Universo e lá veremos mencionados inmensos casos de patriotismo e abnegação de tantas heroínas que se sacrificaram pelo progresso das suas Patrias. Tenhamos na lembrança o sacrificio da nobre

castela do Mont-Saint-Jean quando, com palavras de coragem e conforto, mandou o seu jovem filho a Palestina combater os inimigos da Fé, e para eterna memoria de sua querida França.

Não nos esqueçamos da paixão e da dor da marquezeta de Joinville quando disse, ao abraçar o corpo inerte e exangue de seu esposo, no campo da batalha: — « Morreste! Muito embora... » Foi no cumprimento dum dever sagrado. A Patria vingar-te-ha!

Orgulhemo-nos tambem com o patriotismo e a coragem da fidalga Filipa de Vilhena, quando arrou seus filhos cavaleiros e lhes apontou o caminho da honra e do dever.

Não nos esqueçamos de tudo isto. Trabalhemos como esses heróis que a historia aponta e a Patria levantar-se ha activa e forte como a Patria dout'ora. Ao exemplo desses feitos gloriosos combatamos os inimigos da Republica porque é desses unicamente que poderá resultar o mal do nosso lindo país. Se assim procedermos elle prosperará sempre e a Republica reviverá até á consumação dos seculos.

RUY DE PORTUCALIS.

O 31 DE JANEIRO

É uma data que ha trinta anos vem sendo religiosamente comemorada pelo povo republicano português. Poshamos hoje tudo de parte para saudar com o mais vivo entusiasmo os heróis dessa gloriosa jornada e para nos curvamos com o mais profundo respeito diante da memoria a inapagavel daqueles que cá em, defendendo a honra da Patria e o ideal sublime da Liberdade.

Salvê os vencidos de 31 de Janeiro de 1891!

Quando uma nação estrangeira pretendia fazer-nos passar por uma degradante humilhação, dirigindo-nos um « ultimatum », para nos obrigar a cedêr direitos dignamente adquiridos em terras de alémar, e não tendo os governos de então protestado, por forma a salvaguardar a honra de Portugal, o brio da raça reacendeu-se e um ímpeto de coragem e valor quiz mostrar ao estranho desleal que a nação vivia ainda. Um punhado de portugueses de lei, em cegas veias o sangue fervia de indignação contra a forma servil como os nossos governantes se collocaram em face da ameaça brutal duma nação forte que abusava da sua força contra a nossa fraqueza, quiz acordar a Patria do torpôr em que jazia, fazendo vibrar nos corações portugueses o nobre sentimento de amor pela Independencia e pela Liberdade, que sempre foi apanagio da raça portuguesa, desde épocas remotas.

Não triunfou esse movimento de fé e de vida? Embora. O ideal que ao despontar na alma dum povo tem já heróis e mártires é imortal.

O sangue derramado pelas ruas da cidade invicta, nessa historica manhã de nevoeiro, foi a preciosa semente que mais tarde havia de germinar e fructificar. E se o fruto produzido não foi bem, aquele que os heróicos semeadores de 91 idealizaram, que culpa tiveram eles nisso? Que culpa tiveram eles que o inimigo, aproveitando a treva da noite, fôsse ao campo semeado e nele espalhasse a siziaia e o joio? A culpa só a nós cabe, aos republicanos de 910, por não termos feito a separação devida. O nosso illustre representante em Paris, sr. João Chagas, numa carta que dirigiu ao presidente da comissão organizadora das festas comemorativas do trigésimo anniversario da revolta de 31 de janeiro, diz verdadees como punhos:

« A Republica entrou na scena politica sem decisão. Quando um regime cai e outro se levanta, diz Ledru Rollin, cava-se entre um e outro um abismo que é necessario ter a coragem de saltar a pés juntos. A Republica não teve a coragem de dar esse salto e começando por misturar o futuro com o passado, na sua absurda preocupação de conquistar este em beneficio daquele, o que fez afinal foi criar na ordem moral a confusão e na ordem politica o equivoco ».

Estas palavras dizem tudo. Nelas se resume o que tem sido a Republica de 910, gerada no precioso sangue dos mártires de 91. A maldita politica de atracção, a mania de só se procurar o ingresso dos monarchicos nos partidos da Republica, tudo isto e o mais, enfim, tem nos dado a terrivel impressão de que temos vivido num misto de monarchia e republica que vem a ser a tal mistura do futuro com o passado, como diz o sr. João Chagas. Mas nós temos fé que a maelaria se desfaz um dia. Os campos hão-de estremar se bem e então a Republica será a que os heróis do 31 de Janeiro de 1891 sonhavam, no momento em que a nossa querida Patria se afundava num mar de vergonha e de lama. Basta que os republicanos se compenrem de que o caminho seguido tem sido pessimo e se resolvam a mudar de rumo. Basta ser-se menos ambicioso e subir, se para isso ha merecimentos, mas só buscando o auxilio daqueles que perfilham o mesmo ideal. Então ter-se-ha encontrado o bom caminho e a victoria será no sa, honrando se ao mesmo tempo a memoria daqueles que tão nobremente deram o seu sangue pela regeneração de Portugal.

31 de Janeiro de 1891

Foi ha 30 anos, por uma madrugada nevoenta e fria, que na cidade invicta, baluarte da Liberdade, se ergueu pela primeira vez, clamoroso e altivo, o grito de protesto contra a monarchia que, impotente e servil, humilhava a nação, não repelindo com altivez, como dev'a, a brutal e afrontosa agressão que a Inglaterra cobardemente lhe fazia com o « ultimatum ».

Um punhado heroico de patriotas, militares e civis, saem para a rua e proclamam as vanguardas da Camara Municipal do Porto a Republica.

Chcios de louco entusiasmo dirigem-se em seguida para o Quartel General, não supondo a derrota que os esperava.

Ao subir a rua de Santo Antonio sao atacados pela Guarda Municipal que do alto das escadarias de Santo Ildefonso os fuzila a esmo.

Era a traição, era a derrota desse grupo de patriotas e consequentemente a derrota da causa da Patria!

Aos Heróis que tomaram glorificamos a sua sagrada memoria e aos sobreviventes, abraçando-os comovidamente, o nosso preito sincero de admiração e respeito pelo seu abnegado e patriotico gesto.

Em Guimarães não foi esquecida esta gloriosa data e assim, logo de madrugada foi queimada uma salva de morteiros, tocando á alvorada e ao meio dia a Banda dos Guises o Hino Nacional, bem como a banda do regimento de Infantaria 20 que se fez ouvir no coreto do jardim publico.

Todos os edificios publicos, Camara Municipal, quartéis de infantaria 20 e da Guarda Republicana e Centro Republicano de Guimarães, tinham arvorada a bandeira nacional, ostentando a noite as suas fachadas, brilhantes illuminações a luz electrica.

D'veras corporações civis e religiosas tiveram içadas as suas bandeiras, bem como o consulado de Espanha.

A proposito da data historica da Revolta Militar de 31 de Janeiro « A Velha Guarda » entendeu ser seu dever archivar nestas columnas os dois documentos que seguem e que, pelo que dizem e pela alta qualidade das personalidades que os firmam, merecem ser lidos, pensados e sentidos por todos os portugueses:

Uma carta do dr. Alves da Veiga

« Ex.º Sr. Presidente da grande comissão organizadora da comemoração do 31 de Janeiro: — Recebi a carta de V. Ex.º, de 8 do corrente, convidando-me a assistir á comemoração do 30.º anniversario da revolução do 31 de Janeiro de 1891.

Era do meu dever estar nesse dia memoravel ao lado dos meus companheiros para prestar piedosa homenagem aos que se bateram e morreram pela causa da Republica.

Certamente não faltaria a este dever de solidariedade, se obrigações imperiosas do cargo que me foi confiado não exigissem neste momento a minha presença no estrangeiro.

«Para os que morrem sei eu que ha na terra o esquecimento» — escreveu Alexandre Herculano.

Felizmente, nem sempre succede assim. Ha sacrificios que a justiça imamente salva do esquecimento, quando eles partem de infinitos altos e generosos do espirito colectivo das massas anonimas.

Nessa famosa manhã de 31 de Janeiro de 1891, na cidade da Carta, do direito divino, appareceu um grupo de homens que saíram a rua, com o pensamento exclusivo de realizarem uma grande obra — a supressão do regimen dos dinastas que exploravam a nação a titulo de governa la.

Esses homens bateram-se lealmente; alguns morreram, outros penaram nas cadeias e no exilio, mas todos se conduziram sem macula, em meio dos maiores sacrificios. Não houve infâmias na sanguinolenta tragedia. Foi sem duvida o movimento mais nobre que Portugal presenciou desde o inicio da sua vida constitucional.

Por isso não esquecerá. Passarão os anos, e a memoria dos homens que afirmaram pela primeira vez a fe democratica na terra portugueza ha de transmitir-se de geração em geração, como exemplo de civismo e amor pela liberdade.

Digne-se V. Ex.ª juntar ás manifestações que ai vão ter lugar a homenagem simples e sentida do mais velho sobrevivente da gloriosa jornada. — (a) Augusto Manuel Alves da Veiga.

Por falta de espaço, deixamos para o proximo numero a carta do ex.º sr. João Chagas.

Compressão de despesas

Num leitmotiva muito parecido com uma cega-rega, ou tambem com uma «cie», se preferirem que me exprima num estrangeiro mais acessivel — continua fazendo o lastro das opiniões salvadoras esta solução genial de restringir as despesas para salvarmos a casa dos precalços de uma penhora. O caso é este: olha-se para um bemdito orçamento e verifica-se que, em relação aquilo que se gastava em tempos prosperos, se está nestes tempos de penuria, despendendo prodigiosamente e desvairadamente mais. Mas ocorre perguntar: será possível gastar-se menos? Mal comparado, eu olho para o orçamento da minha casa, e se lhes disser que me encontro em embarços tremendamente meliores do que os do sr. ministro das finanças, não lhes minto. É certo que os meus rendimentos, os meus nominais rendimentos, subiram, e declaro-lhes que se tivesse sido possível conta-los ha dez, ha oito, ha mesmo cinco anos, eu ter-me-ia considerado o homem mais feliz do mundo, dada a modestia das minhas exigências. Mas que importa que eu receba um caderno de papel em notas se tenho de dispendir uma papelaria em gastos e me assalta por is o em cada momento a perspectiva de uma inoção de desconfiança por parte de algum credor mais ou menos «leader», mais ou menos chefe de grupo?

Dirão os grandes salvadores de finanças: restrinja as despesas. Com mil diabos! Mas se aumentando as em proporções insensatas, as lunbo restringidas ao minimo ao minimo dos minimos? Os senhores estão a vêr esta maravilha: um par de botas quarenta escudos. Não é certo que nos tempos paradisiacos de antes da guerra quarenta escudos chegavam para dez pares de botas? Está claro que eu podia restringir esta verba e andar descalço. As galinhas tambem

dam descalças e viciem sem apouquentações orçamentais. Mas as galinhas comem de cabeça para baixo e bebem de cabeça para cima, e eu, não podendo acompanhá-las nos exercicios da alimentação muito menos o posso fazer nos da locomoção. Depois, ninguem tem o direito de me impôr um regimen de capoeira, nem mesmo para calar o bico. Como hei de fazer então, na minha qualidade de ministro das minhas proprias finanças?

Está muito bem que se diga: comprimam-se as despesas. Mas estaria infinitamente melhor que todos restringissem os preços não só das coisas indispensaveis á vida como de aquellas que não são, por exemplo os cambios. Em regra, os senhores que pregam abarrotadamente a compressão das despesas são aqueles mesmos que nos levam quarenta mil reis por uma libra que não vale mais do que quatro mil e quinhentos; que nos vendem o arroz, o bacalhau, o assucar, tudo aquilo que comemos e tudo aquilo que vestimos, afóra o resto, com lucros, que nem a tiro consentem em restringir, de duzentos, trezentos e quatrocentos por cento. Se esses cavalheiros restringissem todos o apetite e a voracidade, eu estou convencido de que o meu sapateiro reduziria naturalmente os vinte e três mil reis que me leva por umas gasteas, o alfaiate os trézentos contos por um fato de cheviote e o trolha os quatro mil e quinhentos por dia para me sujar a casa e pôr as telhas ao sol. Mais, estou até convencido de que as oito horas de trabalho seriam ampliadas, porque o certo é que, se os operários agravam o custo da vida porque produzem pouco trabalhando pouquissimo, os grandes especuladores agravam-no infinitamente mais trabalhando consideravelmente menos.

Comprimir as despesas está bem, está muitissimo bem, mas não pelo sistema do heroi que gritava para os soldados: «Rapazes! Preparem-nos... e marchai!» De outro modo a compressão dará o mesmissimo resultado, que é restrição da cevada deu, com licença, ao burro do inglês.

GUEDES DE OLIVEIRA.
(De «O Primeiro de Janeiro».)

Fome e miseria

Não a há. E' falso dizer-se que há fome e miseria.

Nunca houve tanto luxo, tanta pandega, tanta pouca vergonha.

Não são já, somente, as classes burguesas e conservadoras que ofendem com o seu luxo, os seus prazeres e a sua pandega rasgada.

Agora, é o povo das aldeias e é o povo da cidade, quem mais se diverte, quem dá maior exemplo de folia. E' justamente o povo.

Não há domingo nenhum que não estoirem foguetes, nas freguesias circunvizinhas, anunciadores de quaiquer festa ou banquete.

Na cidade, succede precisamente a mesma coisa. As suas casas de espectaculos cinematograficos estão quasi sempre á «cunha».

Quando por ai aparece alguma companhia de fóra, os bilhetes são disputados com ansia.

Uma semana antes de se realizar, a festa anunciada, já não há bilhetes á venda.

???

Que motivo impediria que no passado dia 31 de janeiro feriado nacional, no edificio do Arco, aonde está instalada a E. P. S., não fôsse hasteada a bandeira nacional?

É no Registo Civil? É nos Bombeiros Voluntarios?

Pergunta-nos um nosso correligionario qual o motivo porque ainda se não conseguiu uma bandeira para a Repartição de Finanças.

Desconhecemos o motivo, supondo, todavia, que se a mesma ainda não foi adquirida foi por efeito de compressão de despesas, e nesse caso seria bom abrir-se uma subscrição publica, para esse fim.

Noticiario

Estranhavel

Porque seria que este ano, no dia 1 de fevereiro, se não celebrou a costumada missa de suffragio por alma do rei D. Carlos e seu filho D. Luis Filipe?

O Tomazinho era sempre quem se encarregava de fazer os convites e mandar celebrar a missa, mas este ano... nada!

Esqueceu-se? Ou dar-se ha o caso, nada para admirar, de ter voltado a abraçar os seus antigos ideais republicanos?

E' provavel. Amores antigos... E lá diz o ditado: não ha amor como o primeiro.

Visita

Esteve entre nós, o nosso querido amigo e correligionario, sr. Isolino Alves Caramalho, ex-administrador deste concelho e ilustre professor da Escola Primaria Superior, de Vila Nova de Gaia.

Sua Ex.ª veio assistir ao julgamento do «celebre» processo instaurado a um nosso correligionario e zeloso amanuense da administração deste concelho.

Tambem vimos nesta cidade, o nosso amigo e colega do «Noticias do Norte», sr. Alberto Virginio Baptista, aspirante de Finanças na comarca de Braga. Cumprimentamo-los.

O cinema, que poderia ser um instrumento magnifico de educação, é, pelo contrario, um foco desmoralizador, mercê da inepcia, do abandono, da torpeza governativa, que não manda fiscalizar varios «films», convertendo os cinemas num terrivel agente de desmoralização, por vezes em verdadeiros antros de pornografia.

¿Há miseria e fome em Portugal? Não. O que há é pandega como nunca houve.

Doente

Esteve gravemente enfermo, encontrando-se felizmente melhor, um filhinho do nosso querido amigo sr. Joaquim de Almeida Guimarães, nosso redactor principal, a quem apresentamos os nossos cumprimentos.

Buffet

A direcção do Centro Republicano de Guimarães acaba de instalar na sua sede um bem montado «buffet» que os seus dignos consocios poderão utilizar com vantagem.

Parabens á direcção por a sua bela iniciativa.

Farmacia Alves Mendes

Reabriu para serviço publico esta antiga e acreditada farmacia, completamente reformada sob a direcção tecnica do nosso amigo sr. José Antonio Pereira, habilitado pela Escola Medico-Cirurgica do Porto.

A longa pratica adquirida em varias farmacias desta cidade e outras localidades, são garantia segura de que o publico será escrupulosamente servido.

Desejando-lhe muitas prosperidades, enviamos-lhe os nossos sinceros parabens.

Vida comercial

O sr. Domingos Pereira Mendes, antigo e conceituado negociante de mercearia, á rua de D. João I, desta cidade, associou á mesma, o seu antigo empregado e nosso amigo sr. Antonio de Padua da Cunha Monteiro, a quem enviamos os nossos sinceros parabens, com o desejo de inumeras felicidades.

Grupo Dramatico

Um grupo de socios da Associação de Classe dos Empregados do Comercio, desta cidade, acaba de organizar um grupo dramatico anexo á mesma Associação, a que deram o nome de «Grupo Scenico Padre Gaspar Roiz».

Brevemente darão um espectáculo no teatro D. Afonso Henriques.

Ao grupo organizador os nossos parabens, pela sua iniciativa.

Obituario

D. Amelia Herminia Ferreira Botelho

Na rua Egas Moniz, desta cidade, faleceu, no dia 29 de Janeiro passado, a sr.ª D. Amelia Herminia Ferreira Botelho, de 13 anos, aluna da Escola Primaria Superior. A extinta senhora era filha do nosso amigo sr. Hermínio Ferreira Botelho, ilustrado escrivão de Direito, do 4.º officio desta comarca e da sr.ª D. Laurinda Marinho da Mota, professora oficial.

Acompanhando seus pais na dôr que os punge, apresentamos-lhes os nossos sentimentos de fundas condolencias.

Subsistencias

Tabelamento de generos

Pela autoridade administrativa foram mandados afixar editais, tornando publico o seguinte:

1.º Que todo o individuo que venda generos, para uso publico, necessarios ao sustento diario deve expôr na casa onde efectue essas vendas e em lugar bem visivel da rua, uma relação dos mesmos generos, conforme o § unico do art. 2.º da Lei n.º 922 de 30 de Dezembro de 1919;

2.º Que os preços de venda ao publico de «massa de consumo» fabricada com fariuba de 2.ª e 1.ª qualidade são, respectivamente, de 784 e 1766 por quilograma, conforme o decreto n.º 7227, de 6 de Janeiro do corrente ano;

3.º Que o preço de venda do azeite, por litro, nos armazémistas e retalhistas, em todo o país, não pode ser, respectivamente, superior ao seguinte: azeite com acidez inferior a um grau, 270 e 290; azeite com acidez de 1 a 5 graus, 2720 e 2740, conforme o decreto n.º 7228, de 7 de Janeiro do corrente ano;

4.º E, finalmente, que o preço da manteiga ó de 4740 para o retalhista e 4780 para a venda ao publico, por quilograma, conforme o determinado pelo Commissariado Geral dos Abastecimentos, «Diario do Governo», de 7 de Janeiro do corrente ano, não podendo ser vendidos mais de 300 gramas por pessoa.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

Pelo juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão abaixo assinado, correm editos de 30 dias, a contar da segunda e ultima publicação, citando o interessado João Pinto de Carvalho, viúvo, auzente em parte, incerto nos Estados Unidos do Brazil, para todos os termos do inventario orfanologico a que se procede por obito de sua mãe Ana Ferreira Marques, casada e moradora que foi no lugar do Arco, freguezia do Serzedo, desta comarca de Guimarães, 26 de Janeiro de 1921.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito

Amadeu G. Guimarães

O escrivão do 4.º officio,

Hermínio Ferreira Botelho

CASAS Vendem-se duas com bons quintais, situadas na estrada de Guimarães á Costa. Trata-se na rua Egas Moniz n.º 6 desta cidade.

Ouro Velho

Compra-se pelo máximo preço. «Rita da Liberdade» n.º 5—2.º

Pianos Vendem-se diversos para estudo.

Falar nesta redacção.